

Trump pode dar certo?

Ronaldo Baltar¹

¹Universidade Estadual de Londrina

April 12, 2024

Donald Trump promete fazer a América grande novamente. Para seus seguidores isso significa trazer de volta empresas, criar empregos, acabar com o “globalismo” e fazer o país mais seguro. Há chances dessas medidas propostas pelo Presidente dos Estados Unidos darem certo?

”Give Trump a chance”

Os defensores do Presidente dos Estados Unidos pedem: ”Give Trump a chance!”. As ações de Trump estão focadas em eliminar grandes problemas da América, como a imigração mexicana, terrorismo islâmico, desindustrialização, perda de empregos, balança comercial desfavorável (sobretudo em relação à China e ao México), custo excessivo da manutenção da defesa de outros países (Europa e Japão), burocracia estatal inoperante, terrorismo islâmico, perda de valores morais centrados na família.

Seus apoiadores afirmam que o estilo Trump consiste em atacar esses problemas de forma direta, sem rodeios. Por isso, segundo seus defensores, a imprensa o trata como xenófobo, racista e outros adjetivos desqualificadores. Mas na verdade, ele é direto e não compactua com o ”politicamente correto”, uma agenda da esquerda para impor a ideologia socialista e difundir o discurso impregnado de valores contrários à família.

Uma vez que as ações de Trump comecem a resolver os problemas que enfraquecem a América (muro para conter a imigração mexicana, protecionismo para combater o desemprego, banimento dos muçulmanos para combater o terrorismo, etc.), o caminho estará aberto para tornar o país grande novamente. Por isso, seu lema é ”Make America great again”!

Por que fazer a América ”Great Again”?

O lema foi usado com sucesso na campanha de 1980, que elegeu a chapa Ronald Reagan e George H. W. Bush para a presidência. Trump aproveitou a mesma ideia, mas em outro contexto. No início dos anos 80, a economia americana sofria com um processo de estagnação, desemprego e inflação alta. Havia o descrédito da Guerra do Vietnã e o desafio da Guerra Fria. Em 1979 houve a Revolução Iraniana do Aiatolá Khomeini. Fazer a América Grande novamente significava volta aos valores dos anos 50 e 60, quando os Estados Unidos surgiu como grande potência mundial após a Segunda Guerra Mundial.



Figura 1: Imagem de material de campanha presidencial nos Estados Unidos. O tema “Let’s Make America Great Again” foi usado pelos Republicanos Ronald Reagan e George H. W. Bush em 1980.

Em 2016, a situação era bem diferente dos anos 80. Mesmo assim, o mote de recuperar a América empolgou os eleitores de Trump. A eleição nos Estados Unidos tem sido bem dividida nas últimas décadas. Democratas e Republicanos possuem bases eleitorais bem delimitadas em vários estados. Alguns poucos estados, chamados de “pêndulos”, oscilam o voto entre os partidos a cada eleição. Como o sistema eleitoral americano é majoritário e não proporcional para a eleição dos delegados que votam para presidente, os poucos votos que mudam de lado, em uma eleição apertada, podem fazer grande diferença.

Foi o que ocorreu nos chamados estados do “Cinturão da Ferrugem” (Press, 2017). Região em torno dos grandes lagos, que concentrou grande parte da produção industrial, especialmente automobilística, e que vive um período de declínio desde os anos 80. A cidade de Detroit, no estado de Michigan (veja “What happened to Detroit” (Detroiturbex) e essa matéria do NYT (PADNANI, 2013)), exemplifica a narrativa que sustenta o slogan “Make America Great Again” para os moradores dessa região e para os eleitores de Trump em geral.

O que Trump vê como sucesso, na declaração de Newt Gingrich, traduz-se em dois pontos: manter a América segura e criar empregos para os americanos.

“There are two things he’s got to do between now and 2020: He has to keep America safe and create a lot of jobs. . . . If he does those two things, everything else is noise.” (McManus, 2017)

Essa é a visão do eleitor de Trump:

“I want the country to be rich again, so we can have businesses everywhere instead of going to the cities to get jobs,” eleitor de Trump, 26 anos, Detroit (Press, 2017)

A redução da atividade econômica e o decréscimo na população em Detroit e demais cidades do “Cinturão da Ferrugem” começou há 30 anos. Contudo, apesar dos prédios abandonados e fábricas fechadas nas cidades dos estados de Michigan, Pensilvânia, Ohio, Illinois, Indiana, o desemprego (Economics) está em queda nos Estados Unidos, segundo dados do U.S. Bureau of Labor Statistics (Bureau of Labor Statistics, 2017).

A desindustrialização nessa região é um fato incontestável, mas tem mais relação com a estratégia competitiva internacional das empresas do que com a imigração mexicana ou o com NAFTA. Nesse quadro de competição internacional, a ênfase está centrada na busca global por trabalho barato e na substituição de trabalho humano por automação. O NAFTA foi uma resposta do governo americano ao avanço do Mercado Comum Europeu e à competição dos produtores asiáticos. O Acordo criou uma rede complexa de produção e gerou outros empregos para os Estados Unidos (Glassman, 2013) (Wilson, 2011).



Figura 2: Fachada da planta industrial abandonada da Packard Automotive, em Detroit, EUA. A fábrica de automóveis símbolo de Detroit foi fundada em 1911 e fechou suas instalações em 1958.

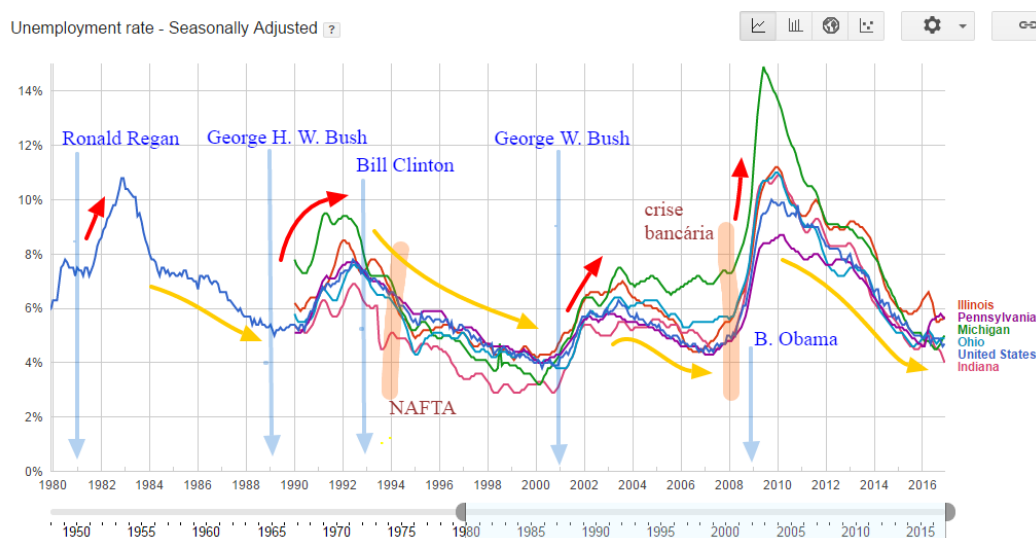


Figura 3: Taxa de desemprego nos Estados Unidos (ajustada sazonalmente). Fonte: US Bureau of Labor Statistics. (Anotações sobre o gráfico feitas pelo autor). *Como se pode ver no gráfico, o impacto do Nafta (at W, 2016) também não significou aumento generalizado do desemprego nos Estados Unidos, mesmo nos estados do "Cinturão da Ferrugem", que deram votos para a vitória de Trump.*

Os eleitores de Trump imaginam que no passado o país era mais rico. Mas essa imagem não corresponde ao crescimento real economia do país nas últimas quatro décadas.

Do mesmo modo que o desemprego caiu, a geração de riqueza continuou a crescer nos Estados Unidos. Mesmo quando comparado com o crescimento da China, que se acelerou no século XXI, o Produto Nacional Bruto (a preços correntes de 2015) continuou em ritmo positivo, exceto no período imediato à crise bancária de 2008. Não só o Produto Nacional Bruto cresceu, mas também a renda per capita se elevou no período.

EVOLUÇÃO DO PRODUTO NACIONAL BRUTO DOS ESTADOS UNIDOS E DA CHINA

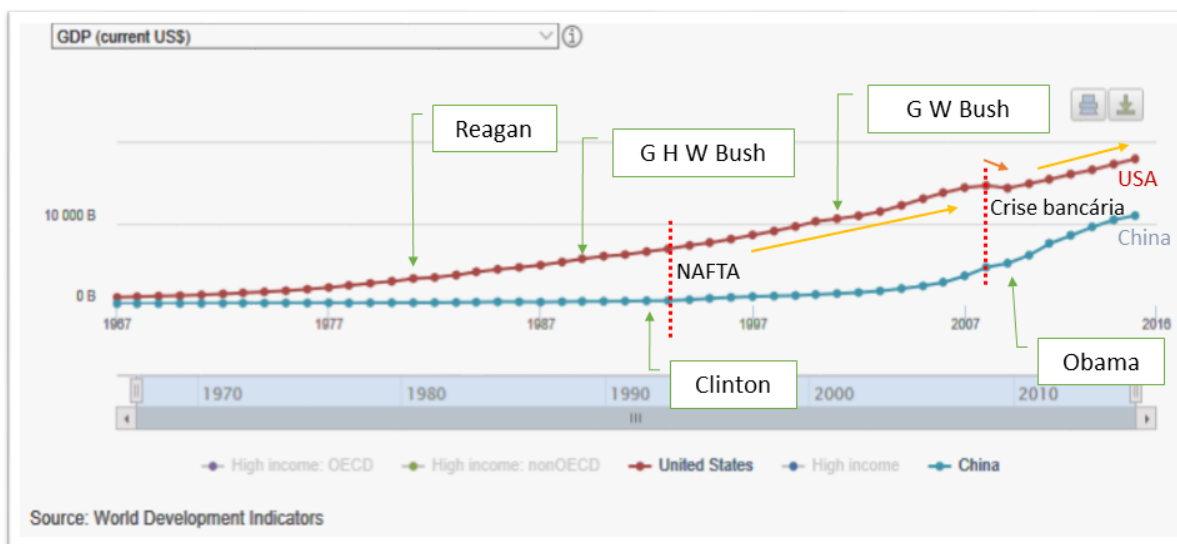


Figura 4: Evolução do PNB dos Estados Unidos e da China. Fonte: World Development Indicator. (Anotações sobre o gráfico feitas pelo autor). *O PNB dos Estados Unidos cresceu continuamente após o NAFTA. Teve um decréscimo no período imediato à crise bancária, mas retomou o ritmo de crescimento após 2011.*

Emprego e Segurança

Mesmo assim, Trump foi eleito. As primeiras Ordens Executivas do Presidente seguiram suas promessas de campanha.



Figura 5: Os anos do Pós Segunda Guerra Mundial, entre 1950 e 1960, simbolizam o período em que a América foi grande, no imaginário dos eleitores republicanos.

Como fazer a América Grande novamente, com empregos e segurança? A resposta está em um conjunto de medidas controversas: banir a imigração, protecionismo econômico, encerrar a participação ou revisar acordos econômicos e militares multilaterais dos Estados Unidos. Na visão do governo Trump, a questão da segurança está, em primeiro lugar, associada à imigração. Na fronteira sul, estão os "bad hombres" que chegam aos Estados Unidos pelo

México. Além disso, para o eleitor de Trump, tão ou mais grave do que os mexicanos, está a imigração de muçulmanos, que ameaçam todo o mundo ocidental.

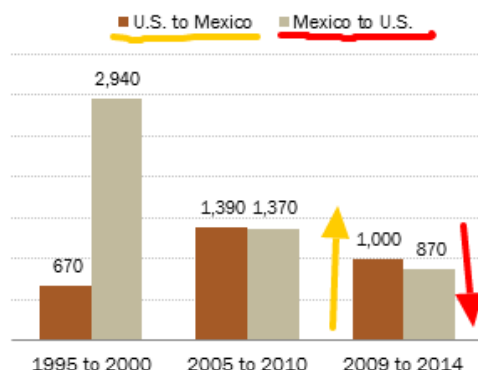
Banir os imigrantes como política econômica

Banir a imigração é uma medida que irá, ao mesmo tempo, gerar emprego e dar segurança ao país. Os seguidores de Trump se sustentam nos argumentos de órgãos de pesquisa como o Center for Immigration Studies - CIS , instituto fundado pelo ambientalista John Tanton, também criador da Revista Social Contract, e um dos principais defensores da política de redução da imigração nos Estados.

Segundo dados do CIS, a população de imigrantes nos Estados Unidos tende a crescer mais do que a população de "americanos autênticos". Esse argumento já era anunciado por Roy Becker com dados desde 1970. O autor, jornalista, é um dos fundadores da organização pelo controle e redução da imigração NumbersUSA

Net Migration From Mexico Below Zero After the Great Recession

In thousands



Note: Estimates are for February 1995 through February 2000, June 2005 through June 2010, and August 2009 through August 2014. Migration from the U.S. to Mexico includes persons born in Mexico, the U.S., and elsewhere; Mexico to U.S. includes Mexican-born persons only.

Source: 1995-2000 and 2005-2010: Passel, Cohn and Gonzalez-Barrera (2012); 2009-2014 U.S. to Mexico: Pew Research Center estimates from population, household and migrant microdata samples of 2014 ENADID; Mexico to U.S.: based on Pew Research Center estimates from augmented March supplement to the 2014 Current Population Survey and augmented 2012 American Community Survey; see Methodology for further detail.

PEW RESEARCH CENTER

Figura 6: Fonte: PEW Research Center (reprodução de gráfico com anotações feitas pelo autor). Migração líquida do México para os Estados Unidos caiu abaixo de zero após a grande recessão de 2010. Ou seja, mais migrantes foram dos Estados Unidos para o México do que o contrário.

No que diz respeito aos mexicanos, a imigração para os Estados Unidos está estabilizada, conforme dados (Krogstad, 2016) do PEW Research Center (dados contestados pelo CIS). Após a grave crise bancária de 2008, o fluxo se inverteu. Tem mais norte-americanos indo viver no México do que em sentido inverso (Gonzalez-Barrera, 2015).

Ao contrário do que previsto pelos estudiosos que apoiam Trump, a imigração legal e ilegal se estabilizou nos Estados Unidos após 2011 (Mitchell, 2016). Estimava-se 3,5 milhões de imigrantes em 1990. Esse número cresceu para mais de 12 milhões em 2011. Desde 2012, no entanto, o número de imigrantes permanece em torno de 11 milhões.

Deve-se levar em consideração que, segundo dados da Bloomberg, em 2015, trabalhadores mexicanos recebiam 20% do salário de um trabalhador equivalente na indústria automobilística dos Estados Unidos (Yuk, 2016).

Os imigrantes, em geral, não ocupam posições na indústria que tiram emprego dos norte-americanos (Passel and Cohn, 2016). A maior parte dos mexicanos e latino-americanos trabalham na agricultura, no setor de serviços, construção civil e outros trabalhos cuja baixa remuneração, jornada de trabalho excessiva, precariedade e falta de prestígio, não são atrativas para muitos trabalhadores americanos brancos ou negros.

Existem muitos migrantes vivendo nos Estados Unidos, mas não há aumento do fluxo de imigração e as medidas de controle exercidas pelo governo norte-americano nos últimos anos tem surtido o efeito. Na Europa, há um problema migratório diferente dos Estados Unidos (BBC, 2016), com um aumento do fluxo migratório, principalmente de refugiados que fogem das áreas de conflito no Oriente Médio e África.

A questão da imigração nos Estados Unidos, sobretudo de trabalhadores mexicanos e dos demais países da América Latina, é bem diferente da situação dos refugiados, que por sua vez, é bem distinta do terrorismo (Krogstad and Radford, 2017).

A ordem executiva do Presidente Trump de suspender a entrada de pessoas da Síria, Iraque, Irã, Líbia, Sudão e Iêmen, países de maioria religiosa muçulmana, misturou em uma medida argumentos contra a imigração, os refugiados e o terrorismo. Significou de imediato a revogação de 60 mil vistos já emitidos (Econômico, 2017). O objetivo da medida é barrar a imigração e aumentar a segurança no país, impedindo a entrada de terroristas infiltrados entre os refugiados. Mas não há registros de terroristas indo para os Estados Unidos oriundos dos países listados (Lissardy)(BBC, 2016).

Os Estados Unidos não são o principal destino dos refugiados no mundo. Os dez países que mais receberam refugiados em 2015 foram a Jordânia, Líbano e Palestina, Paquistão, Turquia, Irã, Síria, Etiópia, Quênia e Chad. Os Estados Unidos receberam 264 mil refugiados, o que equivale a 0,1% da sua população. A Alemanha 217 mil refugiados, que representa 0,3% da população alemã. Só a Jordânia recebeu 2,7 milhões de refugiados, número que representa mais de 30% da população do país (MPI, 2016). O grande problema mundial dos refugiados não está na Europa, nem dos Estados Unidos.

O que pode dar certo?

As medidas de Trump têm como alvo a campanha política para o Congresso em 2018 e o fortalecimento de sua aprovação entre seus apoiadores (Gallup, 2017). Trump precisa também do apoio dos Republicanos (Linker, 2017a) (veja matéria na Fox News). Suas ações dificilmente irão se traduzir em mais emprego e mais segurança. O desemprego geral estava em queda nos Estados Unidos desde 2011. O desemprego localizado da região do Cinturão da Ferrugem (indústria automobilística principalmente), não será recomposto com tarifas protecionistas. Se voltarem para os Estados Unidos, plantas industriais estarão muito mais automatizadas do que quando saíram duas ou três décadas atrás.

Trump aposta em reduzir o papel dos Estados Unidos no mundo, tanto nas parcerias econômicas, quanto nas alianças militares. Pretende dar mais apoio a Putin (Oreskes et al.) (proximidade que pode lhe causar complicações e até o impedimento de seu governo). Espera que os resultados nas eleições na França e Alemanha tragam sucesso para candidatos contrários a Zona do Euro.

Enfraquecendo o sistema de alianças militares, muito provavelmente os Estados Unidos e o mundo se tornarão mais inseguros.

Os Estados Unidos têm crescido após a crise de 2008. Em uma economia de mercado, não há como um país crescer economicamente com menos mercado. É difícil imaginar um crescimento acelerado dos Estados Unidos em relação à

China, por exemplo, com as medidas do governo Trump.

Se o lema "Make a America Great Again" significa mais **emprego** e mais **segurança** para os americanos, as ações do Governo Trump parecem ir em direção contrária.

Mas há um campo em que Trump pode dar certo: o fortalecimento ideológico dos políticos *trumpists* (Linker, 2017b), tanto nos Estados Unidos quanto em outros países. A polêmica em torno de suas ações reforçam e alimentam o apoio de seus seguidores. Se em 2018 Trump conseguir eleger uma forte base de Deputados, Senadores e Governadores *trumpists* terá instrumentos para aprofundar sua estratégia de ação (Reis, 2016). Nesse caso Trump terá dado certo como motor ideológico, não do conservadorismo (Ponnuru, 2017), mas de um autoritarismo excludente e incompatível com a democracia.

Para se pensar sobre as raízes histórica desse movimento, um bom artigo para ser relido é o texto: A sagrada aliança da ultra-direita, de Ibrahim Warde, Professor da Tufts University (Warde, 2002).

Mais sugestão de Leitura

Em recente editorial da Revista eletrônica WorldNews (WN), Dallas Darling escreve um artigo com o título "What if Donald Trump proves to be right about making America" (Darling, 2017). O artigo faz ponderações interessantes sobre as proposta do presidente norte-americano.

Curiosidade

Como visto, o lema "Let's make America Great Again" foi usado por Ronald Regan e seu vice, George Bush (o pai). Embora não fosse uma novidade da campanha de 2016, Trump patenteou a marca (Tumulty, 2017). Afinal, *business is business*.

Nota:

Publicado em 14 de fevereiro de 2017 em <https://www.linkedin.com/pulse/trump-pode-dar-certo-ronaldo-baltar>

Referências

- K at W. O impacto do NAFTA sobre a economia americana: quais são os fatos?, Sep 2016. URL <http://www.knowledgeatwharton.com.br/article/o-impacto-nafta-sobre-economia-americana-quais-sao-os-fatos/>.
- BBC. Migrant crisis: Migration to Europe explained in seven charts, Mar 2016. URL <http://www.bbc.com/news/world-europe-34131911>.
- U.S. Bureau of Labor Statistics. Regional and State Unemployment, 2016 Annual Average Summary, Feb 2017. URL <https://www.bls.gov/news.release/srgune.nr0.htm>.
- Dallas Darling. What If Donald Trump Proves To Be Right About Making America Safe And Great?, Feb 2017. URL https://article.wn.com/view/2017/02/02/What_If_Donald_Trump_Proves_To_Be_Right_About_Making_America/.
- Detroiturbex. What happened to Detroit? URL <http://www.detroiturbex.com/why/index.html>.

- Trading Economics. United States Non Farm Payrolls — 1939-2017 — Data — Chart — Calendar. URL <http://www.tradingeconomics.com/united-states/non-farm-payrolls>.
- Jornal Valor Econômico. EUA revogam cerca de 60 mil vistos devido a decreto de Trump, Feb 2017. URL <http://www.valor.com.br/internacional/4858568/eua-revogam-cerca-de-60-mil-vistos-devido-decreto-de-trump>.
- Inc. Gallup. Presidential Approval Ratings – Donald Trump, Feb 2017. URL <http://www.gallup.com/poll/203198/presidential-approval-ratings-donald-trump.aspx>.
- Mark Glassman. Nafta 20 Years After: Neither Miracle nor Disaster, Dec 2013. URL <http://www.bloomberg.com/news/articles/2013-12-30/nafta-20-years-after-neither-miracle-nor-disaster>.
- Ana Gonzalez-Barrera. Chapter 1: Migration Flows Between the U.S. and Mexico Have Slowed – and Turned Toward Mexico, Nov 2015. URL <http://www.pewhispanic.org/2015/11/19/chapter-1-migration-flows-between-the-u-s-and-mexico-have-slowed-and-turned-toward-mexico/>.
- Jens Manuel Krogstad. 5 facts about Mexico and immigration to the U.S., Feb 2016. URL <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/02/11/mexico-and-immigration-to-us/>.
- Jens Manuel Krogstad and Jynnah Radford. Key facts about refugees to the U.S., Jan 2017. URL <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/01/30/key-facts-about-refugees-to-the-u-s/>.
- Damon Linker. The fairytale of impeaching Trump, Feb 2017a. URL <http://theweek.com/articles/677606/fairytale-impeaching-trump>.
- Damon Linker. Why so many conservative intellectuals became Trumpists, Feb 2017b. URL <http://theweek.com/articles/678310/why-many-conservative-intellectuals-became-trumpists>.
- Gerardo Lissardy. Como Trump definiu os 7 países da polêmica proibição de entrada aos EUA? - BBC Brasil. URL <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38808841>.
- Doyle McManus. Trump did great this week (according to his supporters), Jan 2017. URL <http://www.latimes.com/opinion/op-ed/la-oe-mcmanus-trump-success-20170129-story.html>.
- Travis Mitchell. Unauthorized immigrant population trends for states, birth countries and regions, Nov 2016. URL <http://www.pewhispanic.org/interactives/unauthorized-trends/>.
- MPI. Largest Refugee Populations by Country of Destination, 1960-2015, Jun 2016. URL <http://www.migrationpolicy.org/programs/data-hub/charts/largest-refugee-populations-country-destination?width=1000&height=850&iframe=true>.
- Matthew Nussbaum Oreskes, Benjamin, Cristiano Lima, Nahal Toosi, Josh Dawsey, Nolan D. McCaskill, Joshua Zeitz, Katelyn Fossett, Norman Eisen Bookbinder, Noah, and Christopher Walker. More Republicans viewing Putin favorably. URL <http://www.politico.com/story/2016/12/gop-russia-putin-support-232714>.
- AMY PADNANI. Anatomy of Detroit's Decline, Aug 2013. URL http://www.nytimes.com/interactive/2013/08/17/us/detroit-decline.html?_r=0.
- Jeffrey S. Passel and D'Vera Cohn. Size of U.S. Unauthorized Immigrant Workforce Stable After the Great Recession, Nov 2016. URL <http://www.pewhispanic.org/2016/11/03/size-of-u-s-unauthorized-immigrant-workforce-stable-after-the-great-recession/>.
- Rich Lowry Ramesh Ponnuru. For Love of Country, Feb 2017. URL <http://www.nationalreview.com/article/444635/nationalism-conservatism-are-compatible-trump-imperfect-vessel>.

- Todd Spangler Detroit Free Press. The Rust Belt gave Trump victory, now they want jobs in return, Jan 2017. URL <http://www.usatoday.com/story/news/politics/2017/01/18/rust-belt-voters-donald-trump/96670922/>.
- Bárbara Reis. Trump abriu a toca aos guerreiros arianos, Nov 2016. URL <http://publico.uol.com.br/mundo/noticia/trump-abriu-a-toca-aos-guerreiros-arianos-1751737>.
- Karen Tumulty. How Donald Trump came up with 'Make America Great Again', Jan 2017. URL http://www.washingtonpost.com/politics/how-donald-trump-came-up-with-make-america-great-again/2017/01/17/fb6acf5e-dbf7-11e6-ad42-f3375f271c9c_story.html?utm_term=.7235a38b3e5d.
- Ibrahim Warde. A sagrada aliança da ultra-direita, Sep 2002. URL <http://diplo.org.br/2002-09,a430>.
- Christopher Wilson. Working Together: Economic Ties between the United States and Mexico, Dec 2011. URL <http://www.wilsoncenter.org/publication/working-together-economic-ties-between-the-united-states-and-mexico>.
- Pan Kwan Yuk. Want cheap labour? Head to Mexico, not China, Jan 2016. URL <https://www.ft.com/content/bddc8121-a7a0-3788-a74c-cd2b49cd3230>.